

**Procedimentos fenomenológicos de pesquisa na comunidade N. Sra. Aparecida do Miriti  
no município de Parintins, AM, Brasil**

*Phenomenological research procedures in the N. Sra. Aparecida do Miriti in the municipality of  
Parintins, AM, Brazil*

Gelciane da Silva Brandão  
José Vicente de Souza Aguiar  
**Universidade Federal do Amazonas (UFAM)**  
Manaus-Brasil

**Resumo**

Este artigo destaca os procedimentos fenomenológicos que deram suporte à pesquisa desenvolvida na comunidade N. Sra. Aparecida do Miriti em Parintins, AM. Trata-se de um estudo no qual demonstramos as fases investigativas, a saber: os relatos ouvidos e registrados por ocasião das diversas viagens para a comunidade; nossas experiências de vivências e diálogos com os(as) moradores(as) sobre a produção da farinha, sobre os artefatos arqueológicos e sobre os saberes tradicionais. Concluímos que a abordagem fenomenológica orientou nossas percepções investigativas, de modo a destacar as diversas dimensões da vida nas suas múltiplas manifestações. Por esse motivo, consideramos que esse procedimento investigativo, é um meio possível de criar condições para uma escuta sensível a partir do ver, do ouvir e do sentir, do como as vidas se realizam nas suas mais diferentes formas de ser, pensar e viver.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Comunidade; Parintins – AM.

**Abstract**

This article highlights the phenomenological procedures that supported the research conducted in the N. Sra. Aparecida do Miriti community in Parintins, AM. It is a study in which we demonstrate the investigative phases, namely: the accounts heard and recorded during various trips to the community; our experiences of living and dialoguing with the residents about the production of flour, archaeological artifacts, and traditional knowledge. We conclude that the phenomenological approach guided our investigative perceptions, emphasizing the various dimensions of life in its multiple manifestations. For this reason, we consider that this investigative procedure is a possible means of creating conditions for a sensitive listening based on seeing, hearing, and feeling, observing how lives unfold in their diverse forms of being, thinking, and living.

**Keywords:** Phenomenology; Community; Parintins – AM.

## **Introdução**

Este artigo foi motivado pela pesquisa de campo realizada por ocasião do mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/UEA, cujos encontros, visitas e atividades desenvolvidas na comunidade N. Sra. Aparecida do Miriti foram registrados. Contou também com as leituras e reflexões provenientes de uma disciplina cursada no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – Reamec polo Manaus, AM e com as leituras e discussões realizadas no Programa de doutorado em Educação em Rede na Amazônia-PGEDA.

Este artigo visa apresentar o percurso metodológico de uma experiência de pesquisa realizada com foco no procedimento investigativo-fenomenológico, realizada em uma comunidade ribeirinha situada em Parintins/AM, com ênfase nos saberes tradicionais. Destacamos as experiências do corpo a partir da percepção circunscrita nos atos de olhar, de ouvir e de sentir lastreados na compreensão fenomenológica.

Orientado pela abordagem fenomenológica nos aproximamos das realidades vividas dos moradores da comunidade de N. Sra. Aparecida do Miriti. A ênfase dessa experiência de produção de conhecimento voltou-se para os modos de existir no mundo, bem como para a percepção subjetiva do entorno. Deste modo, a questão central desta preocupação de produção de conhecimento voltou-se para a seguinte pergunta: há possibilidade de uma descrição fenomenológica a partir da experiência de campo em comunidade amazônica?

Os resultados foram elaborados e organizados considerando as ideias do percurso investigativo e as experiências vividas. Dessa forma, podemos falar de algo que foi experienciado e poderá ser indicado como procedimento em outras experiências de produção de conhecimento. Vale ressaltar que a abordagem fenomenológica não se formula por meio de explicações prévias de um fenômeno, mas, fundamentalmente, a partir das experiências realizadas no mundo vivido. Isso porque cada experiência investigativa, na abordagem fenomenológica, guarda singularidades perceptivas relativas ao campo de investigação.

Deu-se considerando a necessidade de uma aproximação da experiência do mundo vivido, subsidiada pelo cuidado fenomenológico de evitar a realização de atos de predicação da vida, ou seja, conhecê-la, ainda que ocorra por aproximação, como é da natureza fenomenológica, requer ir às coisas mesmas. Envolver-se em experiências perceptivas das realidades para senti-la, ouvi-la, vê-la. Embora saibamos que a vida não se dê por ser

conhecida em sua plenitude. Há um campo de invisibilidade do ser, tendo em vista a condição de deslocamento da sua existência. Por esses motivos, optamos pela abordagem fenomenológica e mobilizamos as indicações de Merleau-Ponty (1999) e David Lapoujad, uma vez que ambos desenvolvem a preocupação sobre as possibilidades dos conhecimentos da vida mediante as experiências no mundo das existências.

A fenomenologia, na abordagem de Merleau-Ponty (1999), ultrapassa a dicotomia entre sujeito e objeto, destacando o corpo como veículo do ser no mundo, estabelecendo assim uma troca de experiências vividas. Dessa forma não há um sujeito que conhece e um que é conhecido, mas ambos agem em unidades de produção de conhecimentos. Recorremos a Lapoujade (2017) em função do entendimento de que os modos de existência possuem lógica própria, pois “não temos uma perspectiva sobre o mundo, pelo contrário, é o mundo que nos faz entrar em uma de suas perspectivas” (Lapoujade, 2017, p. 47). Para ambos, não há graus de hierarquias entre o ser humano, ou seja, a ciência guarda apenas a pretensão de conhecimento da vida. Essa reflexão nos mobilizou nessa experiência de pesquisa como os moradores da comunidade de N. Sra. Aparecida do Miriti.

Nosso esforço consiste em apresentar uma indicação de experiência de produção de conhecimentos, com dicas consideradas relevantes para quem pretende se dedicar aos estudos na Amazônia, o que não invalida as investigações elaboradas a partir de outras abordagens teórico-metodológicas.

### **Anotações de Campo: Relatos Invisibilizados**

Para fazer uso da *fenomenologia* enquanto método, é necessário realizar o exercício da *epoché*, ou seja, da suspensão do juízo, de modo a criar condições de entendimento do fenômeno percebido, pois a fenomenologia é “[...] uma filosofia que coloca em suspenso, para compreendê-las, as *afirmações de atitude natural*, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre ‘ali’, antes da reflexão” (Merleau-Ponty, 1999, p. 01, grifos nossos). Então, suspender os juízos é uma prerrogativa da abordagem fenomenológica, é um exercício fundamental para a realização de pesquisas, cujos interlocutores são pessoas com modos de pensar, de ser e de viver diferentes.

Consideramos que leitura e experiência caminham juntas, portanto, são fatores preponderantes para compreendermos que não há como acelerar o entendimento do mundo vivido, e que não cabe à fenomenologia a função de julgar, explicar ou interpretar os fatos,

mas de compreendê-los a partir da percepção do fenômeno, pois como cita Merleau-Ponty (1999, p. 01) é “[...] a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é”. Embora seja uma ação direta, essa abordagem não se atribui a compreensão absoluta do mundo vivido, muito menos visa inventar uma realidade, mas procurar conhecer aquela que se manifesta nas experiências da percepção.

Os relatos foram registrados em 2019, por ocasião da realização do mestrado; todavia, não foram incluídos na sua totalidade na dissertação, e os que compõem este artigo estão “invisibilizados” na dissertação. Isso ocorreu porque, naquele momento de formação, ainda não havíamos realizado estudos que pudessem nos orientar para perceber que existem experiências que, em muitos momentos, entrelaçaram-se com as de outras pessoas. Podemos destacá-las como *existências mínimas*, aquelas que Lapoujade (2017) compreende como existências que não se consolidaram de acordo com determinada realidade, desse modo, são vistas como potências virtuais. São existências que não estando na ordem normatizada de ensino, não são encontradas nos livros e nos diálogos escolares.

Roberto Cardoso Oliveira (1996) apresenta três dimensões do procedimento investigativo de campo, que são: o olhar, o ouvir e o escrever. Desse modo, demonstramos que na abordagem fenomenológica essas três dimensões estão contidas nas nossas experiências. Além desses momentos, incluímos o ato de sentir, que requer ações do corpo como meio de entendimento e produção de conhecimentos.

O procedimento da observação e de experienciar-sentir resultará, para Oliveira (1996, p. 18), no ato de escrever, pois "o nosso pensamento exercitar-se-á da forma mais cabal, como produtor de um discurso que seja tão criativo como próprio das ciências voltadas à construção da teoria social". Mas para que isso aconteça, é preciso estar no lugar, sentir e fazer parte dos acontecimentos, por isso é necessário realizar os registros dos fenômenos vivenciados em relatos escritos e sentidos mediante as experiências.

O deslocamento para a comunidade N. Sra. Aparecida do Miriti deu-se com a saída da cidade de Parintins (AM), por meio fluvial, até a Gleba de Vila Amazônia, a 5 km de distância do local de partida. Dessa Gleba, eram percorridos mais 35 minutos de motocicleta até a comunidade, conforme demonstramos no Mapa 1.

Mapa 1 – Mapa de localização da comunidade N. Sra. Aparecida do Miriti



Fonte: IBGE, 2019. Organizado pelos autores, 2019.

A saída para a comunidade ocorre a partir da Lagoa da Francesa, que fica no bairro denominado Francesa, por meio de transporte fluvial que leva passageiros para a Gleba de Vila Amazônia. Na Figura 1 apresentamos o cenário denominado Lagoa da Francesa, de onde saem as embarcações. Destacamos que, na maioria das comunidades do município de Parintins, não é possível ter acesso por meio de estradas; logo, as embarcações são transportes comuns na região.

Figura 1 – Lagoa da Francesa em Parintins/AM



Fonte: Wilson Melo/2022

A “Lagoa da Francesa é abastecida diretamente pelo rio Amazonas e apresenta natural variação no volume de água ao longo do ano, flutuação que determina os períodos de águas baixas (vazante/seca) e águas altas (enchente/cheia), obedecendo às características da região” (Netto, 2011, p. 01). Neste lugar são oferecidas as informações quanto ao horário e as embarcações que fazem viagem para a comunidade N. Sra. Aparecida do Miriti.

Na Francesa aportam embarcações de pequeno e médio porte no período da cheia na região, que ocorre nos meses de fevereiro a junho.

Na Amazônia, o período de inundação perdura por vários meses. Quando as águas baixam, as áreas inundadas reduzem-se a aproximadamente 20% da área total da fase aquática, o que traz grandes implicações ecológicas. No período de águas baixas, a lagoa desaparece por completo. Na cheia, o fluxo de embarcações é intenso, pois a lagoa constitui meio de locomoção para as populações ribeirinhas e de abrigo para as embarcações (Netto, 2011, p. 01).

Essas embarcações (lanchas, balsas e barcos de médio porte), transportam pessoas, gêneros alimentícios, objetos pessoais e outras necessidades, para diversas comunidades do município. As saídas das embarcações ocorrem por revezamentos, de modo que todos os proprietários possam realizar o serviço de transporte de pessoas, materiais e afins.

Foi imprescindível conversar com as pessoas e buscar informações mais detalhadas, pois cada lugar possui a sua dinâmica. Exemplo disso são os atrasos no horário de saída e/ou volta da embarcação de mais de uma hora; pois cada proprietário de embarcação espera alcançar um determinado número de passageiros para seguir viagem, de maneira a ter uma relação de custo-benefício com a atividade desenvolvida. Mas a espera também nos proporcionava outras experiências, como a observação dos movimentos das pessoas, das embarcações ou mesmo ouvindo conversas espontâneas. Para Bartoli (2018, p. 172): “Tais espaços contribuem na formação das territorialidades, pois condicionam a maneira com que os sujeitos circulam, se apropriando e delimitando tais espaços que podem formar microterritorialidades”.

No trecho de Parintins até a Gleba de Vila Amazônia os valores das passagens em 2019/2022 e tempo percorrido foram os seguintes, conforme o Quadro 1:

Quadro 1: Preço de passagem e tempo de viagem

<b>TRECHO PARINTINS/GLEBA DE VILA AMAZÔNIA</b>			
<b>Tipo de embarcação</b>	<b>Valor da passagem</b>		<b>Tempo de viagem</b>
Barco (médio porte)	2019 – R\$ 4,00	2022 – R\$ 5,00	30min
Balsa	2019 – R\$ 4,00	2022 – R\$ 5,00	40min
Lancha	2019 – R\$ 5,00	2022 – R\$ 7,00	15min

Fonte: Organizado pelos autores, 2019.

Para um passageiro com mais pressa a opção é fazer o trajeto de lancha, que embora rápida, só possibilita levar a bagagem de mão. Para os deslocamentos de um veículo ou uma colheita para ser vendida na cidade, precisam recorrer aos serviços de barcos ou de balsas, por serem os meios de transportes mais adequados para essas necessidades. Vale ressaltar que para outros lugares o valor da passagem e o tempo são diferentes, a depender da

distância entre a cidade de Parintins/AM e a comunidade para onde vai ocorrer a viagem. Nesse caso, para o transporte de balsa (Figura 2), se o passageiro for levar um veículo, será acrescentada uma taxa de R\$ 2,00 (dois reais em 2019) para motocicleta e de R\$ 5,00 (cinco reais em 2019) para carro. O deslocamento de Parintins/AM para a Gleba de Vila Amazônia é possível realizar de motocicleta ou carro, pois possuem vias asfaltadas.

Figura 2 – O transporte de veículos em balsa



Fonte: Registro de campo, 2019.

Ainda na cidade de Parintins, no porto da Lagoa da Francesa, é comum a comercialização de diferentes gêneros alimentícios como: pão, banana frita, mingau, picolé, bombons, marmitas, pão torrado; assim como os ribeirinhos também trazem frutas em geral, farinha, derivados da mandioca como beiju, tucupi e goma para vender na cidade, o que é apresentado na Figura 3.

Figura 3 – Chegada de agricultores na Lagoa da Francesa em Parintins/AM



Fonte: Marcos Santos/2022.

Para Bartoli (2018, p. 173), “a cidade como forma, criada por relações entre práticas sociais e a configuração do espaço, pode ser entendida como formadora de territórios específicos, que condicionam práticas específicas”. Nesse caso, cada grupo aproveita o benefício desses fluxos.

Existem também as embarcações de pequeno porte, como as canoas<sup>1</sup> e as rabetas<sup>2</sup>, que em geral são bens familiares ou de pescadores, tendo maior autonomia do horário de

chegada e/ou saída. No município de Parintins, os transportes predominantes são as embarcações, pois o município está localizado em uma ilha sem acesso terrestre para a maioria das comunidades. Vale destacar que “tais redes de sujeitos possuem os rios como referenciais da organização espacial e sazonal, além de matriz da temporalidade dos ritmos sociais” (Bartoli, 2018, p. 173).

A viagem de deslocamento para a Gleba de Vila Amazônia proporcionou paisagens diferentes, como a cor amarelada do rio Amazonas, os troncos de árvores que são levados pela correnteza, os rostos de viajantes impactados pelo sol da região norte. Muitas vezes, são pessoas que voltavam à comunidade depois de um tratamento de saúde, compras, recebimento de algum benefício social, aposentadoria ou uma visita a um familiar na cidade. Esse pluralismo de percepções descritas lembra o que Lapoujade (2017, p. 13) destaca: “não existe um único mundo para todos esses seres; não esgotamos a extensão do mundo percorrendo tudo aquilo que existe”.

Essas experiências na ótica de Merleau-Ponty (1999) não estão vinculadas a propriedade mortas, mas ativas. Ou seja, quando eu observo nas dobras das mãos daquelas pessoas de mais idade, ali está contida uma experiência do viver que não é, e não será, jamais, a mesma que a minha, ou de outra pessoa, do mesmo círculo familiar, ou não, daquela pessoa. Portanto, é o “sentir a comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida” (Merleau-Ponty, 1999, p. 84).

Ao observar as dobras das mãos dos mais velhos, o sorriso sem que nos conheça, quando ouvíamos suas conversas entre viajantes, deparávamo-nos com o sentido da vida, desse outro modo de existir que deixamos de perceber. “O modo (*de modus*) pensa a existência a partir dos limites ou da medida dos seres (como mostra o derivado moderação), enquanto a maneira (*de manus*) pensa a existência a partir do gesto, da forma tomada pelos seres quando aparecem” (Lapoujade, 2017, p. 15).

Notamos que despertávamos a curiosidade das pessoas; algumas delas não hesitavam em questionar sobre nossas atividades naquela comunidade. Ao respondermos que era uma experiência de uma aluna da universidade que visava conhecer a comunidade, rapidamente outras perguntas surgiam: “você é de Parintins?”. “Você estuda o quê?”. “De qual família você é?”. E com tranquilidade respondíamos quase sempre a essas mesmas perguntas em todas as viagens, até que ao final nos despedíamos recebendo um: “boa sorte nos estudos”. São



perguntas comuns, principalmente a que se refere a família, pois costuma-se identificar as pessoas pelos seus laços familiares. Ao mesmo tempo revelava a forma receptiva e acolhedora dos viajantes com quem realizamos os diálogos.

Para Merleau-Ponty (1999, p. 85) “a percepção abre-se sobre as coisas”, mas a ciência comumente nos percebe como corpos de propriedades biológicas, encontrando a sua razão imanente do mundo. A ciência desenvolveu por suas leis o conceito de coisa, de um saber científico que “não tinha consciência de laborear sobre um pressuposto. Justamente porque a percepção, em suas implicações vitais e antes de qualquer pensamento teórico, se apresenta como percepção de um ser” (Merleau-Ponty, 1999, p. 86). Mediante essa compreensão, relacionamos esse pensamento com a persistência de uma contínua subalternização dos saberes locais na Amazônia “silenciando histórias que jamais serão contadas” (Beltrão; Lacerda, 2007, p. 34).

Para um observador que mobiliza as reflexões de Oliveira (1996) sobre o ato de ver, ouvir e escrever, os diálogos das pessoas, das diversas paisagens naturais ou corpóreas, não podem passar despercebidos. Não percebemos no dia a dia porque a nossa compreensão da realidade muitas vezes está vinculada a uma perspectiva do preconceito, que pode ser oriunda da classe social, ter origem racial, étnica ou até mesmo religiosa. Nesse contexto, muitas vezes deixamos de indagar de que maneira podemos tornar nossa existência mais próxima dos outros modos de existências. O sentir do qual trata Merleau-Ponty (1999, p. 83) volta a ser uma abordagem nesse contexto, visto que “entre sentir e conhecer, a experiência comum estabelece uma diferença que não é a existente entre a qualidade e o conceito”.

Quando conversávamos com aquelas pessoas dispostas ao diálogo, estávamos por meio daquela experiência submetendo-nos “a outras existências para se colocarem elas mesmas ou se consolidarem, e inversamente” (Lapoujade, 2017, p. 16). Ou como discute Merleau-Ponty (1999, p. 87), que a experiência encontra uma oportunidade e uma ligação entre “o gesto, o sorriso, o sotaque de um homem que fala”.

#### **Da Comunidade Gleba da Vila Amazônia à Comunidade N. Sra. Aparecida do Miriti**

Os deslocamentos para a comunidade da Gleba de Vila Amazônia (Figura 4) foram, na maioria das viagens, realizados de balsa, com duração em torno de 30min até o destino final. “A Gleba Vila Amazônia é constituída por, aproximadamente, sessenta e duas comunidades.

[...] Localizam-se no município de Parintins, na divisa com o estado do Pará” (Silva, 2017, p. 22).

Figura 4 – Gleba da Vila Amazônia no município de Parintins, AM



Fonte: Wilson Melo, 2021.

A Gleba de Vila Amazônia está localizada em área de terra firme, com a cobertura de florestas ombrófilas, vegetação de igapó e solo composto de várias características (SILVA, 2017), tornando a paisagem diferente conforme a sazonalidade entre cheia e vazante. A partir dessa comunidade, o percurso passou a ser realizado de motocicleta pela estrada de barro para a comunidade de Nossa Senhora Aparecida do Miriti. O trecho foi realizado em 35 minutos, devido as condições precárias da estrada que é de barro e sofre as influências das chuvas amazônicas, sobretudo no período de inverno. Nessa ocasião, o deslocamento ficou mais difícil, é, inclusive, impossível não ter marcas de lama pela roupa, assim como os veículos enfrentam essas intempéries.

Para dar início aos diálogos com os moradores, consultamos o presidente comunitário, eleito pelos moradores, com quem estabelecemos contato posteriormente. Após a autorização concedida, foi realizado o levantamento do número de pessoas com mais idade, visto ser o grupo focal dos nossos diálogos. Em seguida, conversávamos individualmente quanto aos objetivos pretendidos. Mediante seus aceites, foi feita a leitura dos termos da pesquisa, posteriormente ocorreu a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, como prevê a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que orienta quanto às diretrizes éticas nas áreas de ciências humanas e sociais.

Por alguns meses foram realizadas viagens até a comunidade, com o objetivo de conhecer as pessoas e desenvolver a experiência de produção de conhecimentos. Em uma dessas viagens, chegamos decompostos, com a roupa enlameada, como a motocicleta e alguns equipamentos molhados, pois enfrentamos a chuva e as condições de infraestrutura

da estrada. Nessas condições, fomos convidados a morar na residência de uma família pelo período necessário para a experiência de produção de conhecimentos sobre os saberes tradicionais. Viver na comunidade e com as pessoas e, sobretudo, aprender com elas foi fundamental para o avanço da experiência de produção de conhecimento sobre a vida.

### **A experiência de viver na/com comunidade**

Essa experiência de pesquisa foi decisiva para o entendimento de que é necessário estabelecer e experimentar o mundo vivido e fazer aproximações às formas de ser, de pensar e de viver dos homens, das mulheres e das crianças. Ainda que se trate de uma aproximação das vidas nas suas condições intrínsecas de ser, corresponde a um esforço com vista ao reencontro dos fenômenos.

A cada viagem a experiência proporcionava novos conhecimentos sobre seus modos de vida. Viver com as pessoas correspondeu a um processo de aprendizagem, sobretudo orientado pelo procedimento fenomenológico que chama atenção para a suspensão dos juízos, todavia sem esquecer dos cuidados voltados para o olhar, o ouvir e o sentir (Oliveira, 1996). É necessário deixar evidente que o exercício da suspensão dos juízos corresponde a um cuidado para conter os julgamentos, embora não possamos realizá-lo na sua plenitude.

Mediante a experiência de viver na e com a comunidade, foi possível estender o conhecimento dos modos de vida. Um exemplo deste corresponde a um ato observado às 6h da manhã, no horário do café, quando nos deparamos com uma das senhoras matando formiga, despejando tucupi no formigueiro. O saber tradicional daquela moradora utiliza esse produto oriundo da produção da farinha como pesticida natural (Figura 5), uma vez que ele, em estado natural, possui uma grande concentração de ácido cianídrico, capaz de matar animais e pessoas se consumido *in natura*.

Figura 5 – Agente social matando formiga com tucupi



Fonte: Registro de campo, 2019.

Percebemos naquela ocasião que o saber estava sendo aplicado. Conhecer o uso do tucupi para essa finalidade só foi possível por estarmos vivendo com eles/elas. O viver nos permitiu diversas experiências que não seriam possíveis se tivéssemos cronometrado o tempo para as atividades, ou atribuído uma rotina fechada. A experiência de viver na comunidade possibilitou a expansão do conhecimento sobre as coisas do cotidiano, sobre os fenômenos que aconteciam e não estavam, a princípio, nos horizontes de nossas preocupações de conhecimentos.

Mesmo com a orientação de como proceder nas atividades de diálogos e de percepção mobilizadas pela perspectiva fenomenológica, incorreremos em compreensões equivocadas. Destacamos um episódio em que a manifestação do julgamento foi incisiva. Em um dia foi visualizada uma vassoura feita de galhos de árvores até então desconhecida para nós. Concluímos que a família a teria feito dessa forma por falta de condições financeiras para comprar uma vassoura aos moldes das que são comercializadas pelo mercado, conforme a Figura 6.

Figura 6 – Vassoura feita com galhos secos para varrer o quintal



Fonte: Registro de campo, 2019.

Esse evento nos fez retomar o princípio basilar da fenomenologia que é o da *epoché*, que chama atenção para a suspensão do ato de julgar, cuja recomendação é a de não se antecipar aos fatos. Na pressa que tivemos de explicar o que a nossa visão aparente alcançava, fomos movidos pelo julgamento, somente percebido quando uma senhora expressou a finalidade da vassoura, com a seguinte explicação:

*Está vendo aquela vassoura! Em locais que tem muita pulga, para afugentar no verão a gente varre o chão com galho de ingá, ou galhos de plantas que causam coceira no corpo da gente, como a ortiga, a gente faz tipo uma vassoura e varre, isso daí vai fazer com que elas se afastem (Assunção, 40, entrevista, 2019).*

Nesse entendimento, se faz coceira no corpo do ser humano, deve fazer o mesmo no corpo dos animais ou bichos que vivem na terra. Para todas as suas práticas há uma explicação a partir de suas vivências com a natureza, são explicações de um mundo vivido por eles e faz sentido para quem nele acredita. São saberes tradicionais práticos, não padronizados e abertos a diferentes formas de experimentação (Cunha; Almeida, 2002).

É necessário ter disposição para o retorno às coisas mesmas, pois esses fenômenos vividos estão relacionados aos modos e às experiências de vida. Nesse sentido, os nossos diálogos foram realizados simultaneamente aos exercícios de suas atividades laborais, sobretudo quando se manuseou a mandioca, alimento tradicional da região amazônica.

### **A produção da farinha**

Viver com e na residência de uma família da comunidade possibilitou acompanhar o processo de produção da farinha, alimento comum na região. Na casa de farinha (Figura 7), foi possível conhecer as etapas de sua preparação. Nessa ocasião, uma senhora expressou: “Olha, vai fazer teu estudo, nós vamos até tarde neste trabalho” (Maria, 82, entrevista, 2019). Então foi explicada a necessidade de acompanhar as atividades realizadas. Com o consentimento de todos/as foi possível acompanhar as etapas da produção, o que revelam seus conhecimentos tradicionais sobre esse processo produtivo.

Na Figura 7 experienciamos, mesmo por poucos minutos, a sensação de esquentar a farinha, cujo calor que irradia do fogo era de certa forma contido pela estrutura de barro e madeira usada como suporte para a chapa de ferro, o chamado forno. São técnicas tradicionais que sobrevivem ao tempo. Por meio dessa experiência que é, para eles/as, uma das atividades mais importantes que desempenham, tivemos uma noção temporária e individual do fazer farinha não como uma forma de imitação, mas como uma aproximação. Para Merleau-Ponty (1999, p. 196): “Isso significa que não é apenas uma experiência de meu corpo, mas ainda uma experiência de meu corpo no mundo, e que é ele que dá um sentido motor às ordens verbais”.

Figura 7 – Escaldando a farinha



Fonte: Registro de campo, 2019.

A sensação de fazer parte das atividades laborais, de sentir o cheiro da farinha sendo preparada, da madeira em combustão, as texturas do processo de produção da farinha, levou-nos a realizar uma articulação para o ensino de geografia, considerando a categoria geográfica “paisagem” a partir do sistema de multissensorialidade. “Por meio dessa abordagem, explicamos que o seu significado representa além do que os olhos veem dentro do espaço, e pode ser percebido por meio de atos sensoriais (tato, olfato, paladar e audição)” (Brandão; Aguiar, 2020, p. 08), visto que cada etapa do processo de produção da farinha é possível a experiência de diferentes sensorialidades.

Demonstramos na Figura 8 que para cada dia na produção da farinha, há uma tarefa a ser desenvolvida. Na etapa 1: ocorre a colheita da raiz da mandioca, que é trazida em paneiros<sup>3</sup> para a casa de farinha e logo moída. Sua massa guarda grande concentração de HCN (ácido cianídrico), de que uma parte é dissolvida na água. Na etapa 2: ocorre o processo de prensagem dessa massa no tipiti<sup>4</sup> (tecnologia tradicional), com a finalidade de extrair o tucupi<sup>5</sup> (líquido amarelado que sai da massa com grande concentração de HCN). Na etapa 3: após a prensagem, ocorre a retirada de blocos de massa do tipiti que são peneirados para adquirir uma consistência mais fina, nessa fase o HCN ainda é letal à vida de plantas, animais e o ser humano. Na etapa 4: é feita a escaldação da massa no forno “[...] feito de barro e no centro possui uma placa de ferro galvanizado) a 160 °C, se a temperatura for baixa a farinha não é torrada adequadamente, nesse processo a outra parte do HCN é liberado, pois é volátil ao processo de escaldação” (Brandão; Aguiar, 2020, p. 08). Na etapa 5: a massa devidamente torrada ganha a consistência de farinha de mandioca, em formatos de pequenos grãos que podem ser consumidos, pois nessa fase estão livres do HCN.

Figura 8 – Etapas de produção da farinha



Fonte: Registro de campo, 2019.

Fazemos menção ao procedimento de produção da farinha com o propósito de salientar que, por meio das atividades diárias dessas pessoas, foram vivenciados momentos significativos, visto que a oportunidade de participar e acompanhá-los correspondeu a momentos de aprendizagens com quem na prática realiza o saber tradicional. Merleau-Ponty (1999, p. 83) reforça esse momento, enfatizando que “Entre sentir e conhecer, a experiência comum estabelece uma diferença que não é a existência entre a qualidade e o conceito [...]. A visão já é habitada por um sentido que lhe dá uma função no espetáculo do mundo, assim como em nossa existência”. Corresponde a uma experiência que marca o corpo, que se move orientada pelo desejo de conhecer.

#### **A história dos artefatos encontrados na comunidade**

À medida que o tempo transcorria, a convivência se consolidava, permitindo-nos empreender a história local, nos modos de vida, nas crenças e nos diversos saberes tradicionais. Nessa ocasião, foram-nos apresentados artefatos históricos que corroboram a presença de populações indígenas anteriores à colonização da região. A exemplo, foi registrada uma peça de uma rocha preta (Figura 9), polida e levemente amolada, a única explicação apresentada por eles foi de que seria parte de uma machadinha usada por povos indígenas que habitaram aquele lugar, encontrada há muitos anos.

Figura 9 – Machadinha polida



Fonte: Registro de campo, 2019.

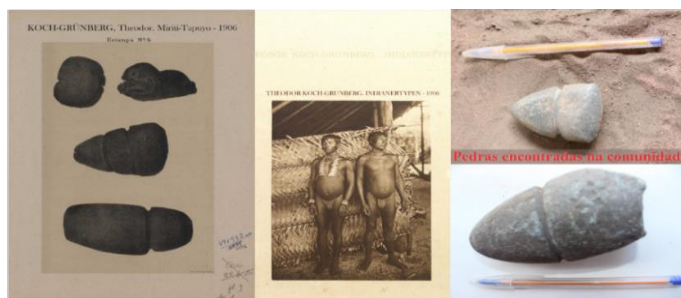
Foi realizado um levantamento sobre a histórias da referida pedra e encontramos a seguinte história na obra *Os pequenos fatos da vida*, de Uggé (2016, p. 93):

Parece que estes machadinhos eram trocados com tribos do norte dos Andes, onde era fácil encontrar pedras duríssimas. Um dia perguntei ao Inácio, índio Saterê-Mawé de Santa Maria, rio Urupadi, se ele sabia como os antigos utilizavam estes machadinhos e como é que eles conseguiam derrubar grandes árvores para fazer roça com este pedaço de pedra. Inácio sorriu e respondeu: “Padre, os nossos velhos contam que os antigos cortavam, ou melhor, descascavam a árvore batendo com o machadinho ao redor de tronco dela. Aí, raspavam e retiravam apenas uma faixa de casca. Neste jeito, a árvore aguentava ainda uns meses, até que, depois exposta ao tempo e aos insetos, a parte descascada do tronco apodrecia e a árvore vergava e caía. [...] só no ano seguinte é que os índios faziam roçado naquele lugar”.

Durante uma das viagens à comunidade, foi compartilhada essa narrativa, resultando em um momento emocionante. O objeto em questão remonta à cultura material indígena, e a descoberta de vestígios de uma história até então desconhecida proporcionou aos moradores não apenas noções, mas também uma conexão com o passado.

Os moradores guardam as peças, visto o laço de afetividade que elas possuem com eles, ao mesmo tempo remete à história do lugar. Essas imagens foram mostradas aos estudantes, que revelaram encontrar frequentemente essas peças nos quintais de suas casas. Cruzando as informações, encontramos no acervo digital da Biblioteca Nacional imagens que resultam de trabalho do etnologista Theodor Koch-Grünberg (1906), conforme demonstramos na Figura 10:

Figura 10 – Peças (esq.); Miriti-Tapuyo (centro); peças encontradas na comunidade (dir.)



Fonte: KOCH-GRÜNBERG, Theodor/ Registro de campo, 2019.



A partir do nome Miriti, descobrimos que Theodor Koch-Grünberg foi um etnologista e explorador alemão que contribuiu relevantemente para o estudo dos povos indígenas da América do Sul, registrando indígenas Mititi e Tapuyo no ano de 1906. Além disso, é resultado de sua expedição à coleção de pedras encontradas na cidade de Itacoatiara/AM em 1906, e inscrições em pedras Itapynyma no Rio Ururbu (Wiegandt, 2019).

### **Diálogos fenomenológicos**

Um dos recursos dos procedimentos usados foi conversar com as pessoas da comunidade. Iniciado pelo critério de dialogar com as pessoas com mais idade da referida comunidade, para a compreensão do fenômeno através da sua percepção. Esse procedimento foi fundamental na reconstrução da história do lugar, que trouxe emanações do passado, não deixando de ter características do presente.

O diálogo tinha um aspecto de conversa, sem pressa, visto que as pessoas tinham as idades de 85, 82, 60, 58 e 40. A conversa iniciou com a vinda das famílias Cursino e Lopes, que trabalhavam em engenho de álcool na cidade de Santarém, estado do Pará. A vida dessas famílias para a comunidade de N. Sra. do Miriti corresponde aos seus ancestrais europeus, com algumas lacunas nos dados históricos da chegada por esses locais da comunidade. Em função de um problema familiar, essa família veio em busca de se reconstituir na região de Parintins por volta dos primeiros anos do século XIX.

O que a experiência nos revelou é que o tempo e o viver das pessoas daquela comunidade não possuem uma regra diária. Foi por meio do viver que entendemos que a relação com o tempo é mediada, em muitos casos, pela afinidade e observação do que acontece na natureza. Foi identificado também que as pessoas recebem algum tipo de auxílio econômico ou aposentadoria das políticas públicas, mas que não é suficiente para suprir as suas necessidades, por isso é comum as famílias possuírem roçado para a produção da farinha, plantas medicinais para tratar suas enfermidades, hortas de legumes variados para consumo local e geralmente os homens da família são pescadores ou caçadores.

Por fim, identificamos que possuem uma profunda relação com a natureza, pois eles acreditam que no rio há a mãe d'água, a cobra grande, a sereia, que na mata vive o curupira, e quando estes lugares não são respeitados pode-se gerar uma punição por parte destes seres protetores das águas, da terra e das matas, seja por meio da reima<sup>5</sup>, da panema<sup>6</sup>, do

quebranto<sup>7</sup> ou de um encantamento, que pode fazer com que o encantado fique perdido na mata ou nos rios.

### **Considerações Finais**

A experiência da pesquisa de mestrado em uma comunidade na Amazônia nos possibilitou realizar a descrição do que foi vivido na comunidade N. Sra. Aparecida do Miriti em Parintins, AM, Brasil.

A fenomenologia da percepção, ao incorporar as contribuições de Merleau-Ponty (1999) e Lapoujade (2017), como uma base teórico-metodológica, buscou compreender a relação de si com o outro por meio da experiência, enriquecendo o entendimento sobre a natureza da percepção. Essa escolha, portanto, foi respaldada para além das fronteiras tradicionais do conhecer, visto que mobilizou o retorno ao outro e a si, explorando as camadas da experiência da vida, adotando-a como método.

Consideramos essas experiências de produção de conhecimentos relevantes tanto para pensar os percursos dessa natureza como para demonstrar que é possível uma abordagem fenomenológica, pois são eventos que não acontecerão da mesma forma, pois são mutáveis, estão em movimento, assim como a vida.

Descrever é expressar o que se vê e o que sente. Nesse contexto a fenomenologia de Merleau-Ponty (1999) nos ajudou a reconhecer no corpo o elo vital desse processo, visto que é distinto do objeto científico objetivante. Da mesma forma, Oliveira (1996) foi fundamental com suas rigorosas análises sobre os procedimentos da pesquisa, considerando os atos de saber ouvir, saber olhar e articulá-los ao escrever, o que não se faz sem o aporte teórico, aos quais incluímos o ato de sentir movido pela experiência do corpo.

Concluimos que há a possibilidade de uma descrição fenomenológica, visto que é uma experiência vivida por um corpo em contato com o mundo da vida, isso nos oferece respaldo para realizar os registros das experiências, ao passo que ressaltamos: embora tenhamos realizado as aproximações aos modos de vida dos moradores com os quais dialogamos, nossas sensações e vivências são distintas das deles/as.

### **Referências**

BARTOLI, Estevan. Entre o Urbano e o Ribeirinho: Territorialidades Navegantes e Sistemas territoriais em Parintins (AM). **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, V. 8, N.2, p. 169-185, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/18865>. Acesso em: 28 jan. 2022.

BELTRÃO, Jane Felipe; LACERDA, Paula Mendes. Amazônias em tempos contemporâneos: entre diversidades e adversidades. In: **Entre histórias locais e narrativas oficiais: proposta para uma abordagem sobre a ocupação amazônica a partir das escolas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2017.

BRANDÃO, Gelciane da Silva. AGUIAR, José Vicente de Souza. O Saber Tradicional articulado ao Ensino da Ciência Geográfica a partir da categoria Paisagem. In: **Latin American Journal of Science Education**, 7, 12036 (2020). Disponível em: [http://www.lajse.org/may20/2020\\_12036.pdf](http://www.lajse.org/may20/2020_12036.pdf). Acesso em: 31 de jan. de 2022.

CUNHA, Manuela Manuela Carneiro da; ALMEIDA, Mauro (Org.). **A enciclopédia da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GALVÃO, Eduardo. Panema: uma crença do caboclo amazônico. **Revista do Museu Paulista**, nova série, vol. 1. São Paulo: O papel, 1951.

IBGE. **Parintins**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/parintins/panorama>. Acesso em: 14 fev. 2019.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Miriti-Tapuyo**. Berlin [Alemanha]: E. Wasmuth, [1906]. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon849999/icon849999\\_019.jpg](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon849999/icon849999_019.jpg). Acesso em: 5 fev. 2019.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: Editora n. 1, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NETTO, Carmo Gallo. Uma lagoa sob ameaça: Estudo fornece informações para elaboração de processo de remediação. In: **Jornal da Unicamp**. Campinas, 8 a 14 de agosto de 2011 – Ano XXV – Nº 501. Disponível em: [https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/agosto2011/ju501\\_pag11.php](https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2011/ju501_pag11.php). Acesso em 27 de jan. de 2022.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, v.39, n.1, p. 13-37, 1996.

SILVA, Maria do Carmo de Oliveira. **A Paisagem na Gleba Vila Amazônia: A Impressão na Fisionomia de Terra Firme pelos Sistemas Agroflorestais Espontâneos**. 188f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

UGGÉ, Henrique. **Os pequenos fatos da vida: volume 1**. São Paulo: Editora Mundo e Missão, 2016.

WIEGANDT, Conrad. **Estampa nº 3, Estampa nº 4: [Inscrições]**. Pará: Lith. de C. Wiegandt. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon491932/icon491932.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon491932/icon491932.jpg). Acesso em: 5 fev. 2019.

## **Agradecimentos**

Agradecimentos à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

## **Notas**

---

1 Embarcação de pequeno porte, movida apenas com remo (equipamento feito de emadeira que serve para dar impulso na locomoção da canoa).

2 São colocados em canoas pequenas ou médias, é um motor como uma pequena hélice.

3. Feito de palha, comumente usados para carregar objetos, frutos e afins.

4. Tipo de prensa ou espremedor de palha trançada, usado para escorrer e secar raízes, geralmente mandioca.

5. É atribuído a alimentos que fazem mal, sobretudo se a pessoa estiver doente. São alimentos que concentram muita proteína e gordura animal.

6 Falta de sorte ou azar, é uma força mágica que acomete homens, animais e objetos. (GALVÃO, 1951).

7 Crendice popular atribuída a força mágica que afeta plantas, crianças, caçadores, pescadores e até seus apetrechos de trabalho.

## **Sobre os autores**

### **Gelciane da Silva Brandão**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia – EDUCANORTE, Associação Plena em Rede, Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: brandaoanny2@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7577-3321>

### **José Vicente de Souza Aguiar**

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia – EDUCANORTE, Associação Plena em Rede, Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Docente da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Escola Normal Superior, Av. Djalma Batista s/n. Manaus, AM. Bolsista de Produtividade CT&I – Fapeam. E-mail: [jvicente@uea.edu.br](mailto:jvicente@uea.edu.br). Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7754-1620>

Recebido em: 17/01/2023

Aceito para publicação em: 14/11/2023